

ANTUNES, António Lobo. **Ontem não te vi em Babilónia**. Rio de Janeiro: Objetiva/Alfaguara, 2008.

Longa jornada pela noite antuniana

Em três décadas de produção literária, o escritor português António Lobo Antunes tem buscado concretizar sua maior ambição: colocar a vida entre as capas de um livro. Tendo elegido a forma romanesca como seu veículo de exploração artística, Lobo Antunes tem, a cada livro publicado, sedimentado seu nome como um dos mais destacados escritores contemporâneos. Sua incansável busca rendeu uma obra densa e extensa, que se espalha por mais de 8 mil páginas - isso se considerarmos os 20 romances que publicou até o momento.

Ao percorrer essa obra, nota-se que já não há muitas semelhanças entre o Lobo Antunes dos primeiros livros, como **Memória de Elefante** (1979) e **Conhecimento do Inferno** (1980), e o escritor da última década. No percurso atravessado por sua escrita, sempre é possível detectar a tentativa de renovação/inação da linguagem literária. Mas os resultados alcançados em seus primeiros livros se distinguem bastante dos mais recentes. Especialmente após **Não entres tão depressa nessa noite escura** (2000), o material narrado tem se tornado mais rarefeito (não é por acaso que esse livro recebeu como subtítulo a palavra “Poema”), o que leva o leitor a percorrer com maior cuidado seus labirintos de vozes e tempos. O autor, consciente das transformações que seu texto tem sofrido, afirma que a ele interessa cada vez menos contar uma história.

Sintetizar os últimos romances de Antunes não é tarefa simples, pois a matéria fabular é escassa e escorregadia. Talvez por isso a edição *ne varietur* que tem sido publicada em Portugal não traga informações e resumos nas orelhas dos livros, nem tampouco apresentações de qualquer ordem (cuidado ignorado pelas edições que têm saído no Brasil). Nessa edição *ne varietur*, os livros trazem apenas o texto, o que permite que o leitor chegue à peça artística sem intervenções de qualquer ordem. É

como o que ocorre em um museu, quando as pessoas se deparam apenas com o quadro e uma legenda com dados básicos, como o nome do artista e o ano da obra.

No jogo literário conduzido por Lobo Antunes, certas constantes poéticas podem ser detectadas e destacadas. Maria Alzira Seixo (2002, p.456) avalia que a “qualidade poética” da obra de Antunes se manifesta de vários modos, como “no encadeamento verbal do discurso, na capacidade imagística demonstrada, em situações de uma particular emoção nas quais a expressão se detém para a sugerir em vez de explicitar”¹. Sinais de pontuação, parágrafos, saltos entre linhas ganham uma nova significação no texto antuniano. A esses traços, agregariamos o cuidadoso tratamento rítmico e a musicalidade daí decorrente.

Ontem não te vi em Babilónia, publicado em Portugal em 2006 e que agora chega aos leitores brasileiros em edição nacional, é bem representativo do atual estágio em que se encontra a escrita antuniana.

Noite adentro, diferentes personagens irão, alternadamente, assumir a narração. Todas estão deitadas em suas camas, entre o sono e a vigília, ruminando lembranças, medos, angústias, dúvidas e uma profunda solidão: ninguém ouvirá, por incapacidade ou desinteresse, as vozes que ecoam em nosso mais profundo.

O livro se estrutura em seis capítulos, com cada um deles representando uma hora diferente. O primeiro capítulo se chama *Meia-noite*, o segundo *Uma hora da manhã*, e assim, sucessivamente, até o último que começa às cinco horas da manhã. Cada capítulo se subdivide em quatro partes, com um narrador diferente responsável por cada parte. Dentre as várias personagens que compõem esse mosaico de vozes, três se destacam, reassumindo a narração em cada capítulo: Ana Emília, Alice e seu marido, um ex-funcionário da Pide (a polícia política portuguesa do período salazarista).

Uma sombra irá pairar por todo o livro: a filha de Ana Emília, de 15 anos, que se suicidou no quintal, enforcando-se em uma árvore enquanto a esperavam para jantar. A boneca que ficou no chão, ao pé da árvore, foi a única testemunha desse suicídio. Para o leitor, serão oferecidos flashes ligeiros e fugidios, que surgem na fala de diferentes personagens, para compor essa cena trágica e traumática.

Logo no primeiro capítulo, Ana Emília vai rememorar a visão da filha morta, em uma passagem que bem ilustra o tom da poética antuniana:

¹ SEIXO, Maria Alzira. *Os romances de António Lobo Antunes*. Lisboa: Dom Quixote, 2002, p. 651.

(...) o risco ausente de forma que impossível saber o sítio em que o céu se dobrava e começava a onda, em que a espuma a franzir-se, percebia-se a boneca, não a minha filha, na ponta da corda ou do fio de estendal que ia girando devagar, não de braços afastados, pegados ao corpo numa atitude de entrega, uma boneca de que as borboletas

(dúzias de borboletas)

de que dúzias de borboletas me impediram de notar as feições, notar a minha filha em casa a começar a comer empurrando para a borda do prato com a delicadeza do garfo

(não é por ser a minha filha mas sempre teve modos distintos)

os legumes de que não gostava (...)

- Como nunca mais vinha fui começando a comer

a minha filha a começar a comer, a minha filha viva e de uma vez por todas se não me levam a mal

(espero que não me levem a mal)

não se fala mais nisso. (ANTUNES, 2008, p.23)

Como as personagens nunca irão dialogar ou se confrontar diretamente, além de nenhum narrador centralizar a condução do romance e o olhar do leitor, o livro tem de ser encarado como um jogo de espelhos deformadores onde são projetados objetos desconhecidos. Dessa forma, é impossível saber com certeza qual a verdade por trás dos relatos fragmentados e muitas vezes confusos (afinal, o tempo que perpassa o romance é o do limite entre o sono e a vigília) que as personagens irão apresentando a cada capítulo. Boa parte das personagens já passou dos 50 anos e demonstram não ter mais esperanças de transformações em suas vidas: aceitaram o fracasso que ronda seu presente e rememoram nessa longa noite, com certo saudosismo, algum momento que pode ter sido menos infeliz (feliz nunca) no passado.

Mesmo as personagens casadas que aparecem no livro, como Alice e o expolicial, estão sozinhas em meio a suas lembranças e divagações. Ninguém se levantará, falará com o outro ou se tocará. Enquanto cães uivam lá fora atrás de uma cadela no cio, Alice pensa no filho que nunca teve e repete: “não sou uma pessoa interessante. Não me aconteceram coisas interessantes”. No quarto ao lado, o marido rememora as sessões de tortura de presos que conduzia, a amante que visitava em Lisboa e se questiona “porquê casei contigo?”. Para Ana Emília, as divagações insones serão conduzidas pela espera do amante que não a visita mais, a aparição do pai após longos anos sem contato e a filha dependurada na árvore.

O título **Ontem não te vi em Babilónia** é bastante sintomático nesse sentido, pois remete a um desejo insatisfeito, a uma espera por alguém que nunca chegou: *ontem não te vi...* O autor conta que quando acabou de escrever o livro não tinha ainda um título para ele. Ao folhear um livro do poeta cubano Eliseo Diego se deparou com a frase *Ontem não te vi em Babilónia*, que teria sido extraída de uma placa de argila que

datava de 5 mil anos atrás. Se de um lado há o *ontem não te vi*, essa espera que marca todas as personagens, de outro temos a *Babilônia*, que remete a um lugar perdido no tempo e no espaço, ou seja, algo já inalcançável.

Percorrida toda a noite, o leitor alcançará mais uma vez Ana Emília, cuja voz abre e fecha o livro. “Escrevo o fim deste livro em nome da minha filha que não pode escrever” (p.417), diz Ana Emília ao iniciar sua última fala. Mas a menina morta também pedirá, pela primeira vez, o direito de falar, dando fragmentos de sua visão dos acontecimentos. E no meio dessas vozes que se embaralham, surge o parêntese: “(chamo-me António Lobo Antunes, nasci em São Sebastião da Pedreira e ando a escrever um livro) (p.422)”. Essa intromissão do autor irá se repetir em outros parênteses nessa parte final, como se ele próprio estivesse, às cinco e pouco da manhã, encerrando sua noite de vigília: “(a acabar este livro que não é um livro, é a vida); (as palavras estão a andar, aproveita); (elas são incapazes de uma letra e eu sem tempo de escrever, passa das cinco da manhã, o fim do livro e é tudo)” (p.425).

Ao fazer essas intromissões, o autor problematiza a estruturação do mundo ficcional e põe em choque a dicotomia realidade/ficção. Afinal, de quem são todas aquelas vozes? Quem escreve e quem compõe essa sinfonia de sussurros que ecoam noite adentro? Antes que o leitor se perca em divagações desse gênero, o autor crava uma frase para encerrar o livro que pode conter uma chave de compreensão para toda a poética antuniana (ou aumentar as dúvidas e convidar o leitor a reiniciar a leitura da obra): “porque aquilo que escrevo pode ler-se no escuro” (p.435).

Apesar de Lobo Antunes dizer que costuma escrever pensando no leitor português, seus livros têm uma dimensão universal e são representativos de uma contemporaneidade marcada pelo sujeito fragmentado, carregado de medos e incertezas. Em sua escrita labiríntica, o leitor contemporâneo encontra um mundo no qual não há nem respostas para suas inquietações nem conforto para suas angústias.

Fabricio Vieira
Mestrando – Programa de Pós-
Graduação em Literatura e Crítica
Literária - PUCSP